

Theodore Roosevelt sabia como cobrar dívidas internacionais

por Art Pine
do The Wall Street Journal

A Argentina chegou, em outubro passado, perigosamente perto da inadimplência e de deixar de pagar cerca de US\$ 350 milhões em empréstimos obtidos de bancos estrangeiros, incluindo Citibank, Credit Lyonnais e Manufacturers Hanover Trust Co. As autoridades argentinas advertiram gravemente que não conseguiriam realizar seus pagamentos sem uma nova ajuda. E a Argentina já devia cerca de US\$ 30 bilhões a bancos estrangeiros.

A Argentina tem sorte, porque Theodore Roosevelt não é mais o presidente dos Estados Unidos. Se ouvisse tais notícias, Roosevelt poderia ter enviado à Argentina os "marines" para proteger os interesses dos banqueiros. Mas os tempos mudaram; existem novas maneiras de lidar com inadimplentes em potencial; e Ronald Reagan é um republicano moderno. De fato, hoje é difícil imaginar que houvesse uma época em que os governos utilizavam soldados, e não contadores e advogados, para resolver problemas financeiros internacionais.

Mas vejamos o que aconteceu a Ismail, o paxá do Egito. Há um século ele inundou a Europa com bônus para financiar escaramuças fronteiriças com o Sudão e para reconstruir o Cairo como uma espécie de Paris no Nilo. Comprou também uma grande área de terra para plantio de algodão. A situação andou bem por algum tempo. Mas então o preço do algodão despencou, e o paxá não conseguia efetuar os pagamentos de juros em seus bônus.

A inadimplência do paxá provocou uma rápida reação nas capitais européias. A Inglaterra e a França enviaram uma comissão para supervisionar a economia egípcia. Mas o paxá resistiu, de modo que a Inglaterra e a França deram o passo lógico seguinte — mandaram tropas para tomar de assalto o palácio do paxá. E, durante os trinta anos seguintes, Inglaterra

e França desviaram uma grande parte da receita fiscal do Egito para o pagamento da dívida.

Nos dias de hoje, as grandes potências tratam de modo diferente os caloteiros internacionais. Os bancos emprestaram cerca de US\$ 800 bilhões às nações em desenvolvimento, e uma sugestão de inadimplência os leva à mesa de negociações para estudar formas de reestruturar seus empréstimos. Mas, em 1904, quando a República Dominicana ameaçou denunciar US\$ 32 milhões em empréstimos, o presidente Roosevelt não perdeu tempo com palavras. Mandou as tropas ao país, assumiu o controle dos serviços alfandegários dominicanos e desviou 55% dos impostos cobrados para o reembolso de dívidas.

"O mero fato de que os cobradores alfandegários são norte-americanos dá certo poder moral ao governo dominicano, que este não tinha antes", afirmou Roosevelt. Ele sustentou que o governo dominicano

"na realidade está recebendo mais com os 45% que os cobradores norte-americanos lhe entregam do que antes, quando ficava com toda a receita".

Durante a era de diplomacia do porrete, o presidente Roosevelt também despachou fuzileiros para Nicarágua e Haiti. "Se o país mantém a ordem e cumpre suas obrigações", afirmou, "não precisa temer a interferência dos Estados Unidos." Mas os países latino-americanos "não conseguirão ficar felizes e prósperos a menos que mantenham ordem dentro de suas fronteiras e se comportem com justa consideração em relação a seus compromissos com os estrangeiros", asseverou o presidente, advertindo que "maus procedimentos crônicos, ou uma impotência que resulta em um afrouxamento geral dos laços de sociedade civilizada, poderão no final exigir a intervenção de algumas nações civilizadas".

Apesar dos comentários

abertos de Roosevelt sobre proteger a civilização, seu principal motivo para enviar os fuzileiros ao Caribe foi o de manter a Europa fora da região. "Foi uma política européia característica criar dívidas incertas no Hemisfério Ocidental para justificar o uso da força militar" e a expansão de influência no que os Estados Unidos consideravam seu quintal, disse o historiador da Marinha Ray Tarbuck na década de 30.

De fato, a França enviou um cruzador a Santo Domingo em 1892 para apoiar o banco nacional, de controle francês, ali instalado. Uma década depois, a Inglaterra, a Alemanha e a Itália usaram a força contra a Venezuela.

Não existe um equivalente moderno para as antigas e imperialistas comissões de dívida. Embora o FMI imponha condições rígidas às economias dos países que lhe solicitam empréstimos, a instituição não tem o poder de entrar no país e se apropriar de suas recei-

tas até que as dívidas estrangeiras sejam pagas. Os países credores poderiam confiscar os ativos dos candidatos a inadimplentes, como os Estados Unidos fizeram com os depósitos bancários iranianos no país depois que os militantes islâmicos ocuparam a embaixada norte-americana em Teerã, em 1979. Mas, supostamente, os grandes devedores à beira da inadimplência não teriam muito dinheiro em bancos estrangeiros para ser confiscado.

Embora haja métodos novos e mais sofisticados para lidar com grandes devedores, a lista dos devedores continua mais ou menos a mesma. Alfred Waechter, conselheiro de investimento e historiador financeiro baseado na Suíça, salienta que os mesmos países que dominam as histórias do endividamento — México, Brasil, Argentina e Peru — encabeçavam a lista de devedores no fim do século XVIII e parte inicial deste século.

"A situação é coisa antiga", comentou Waechter. "A maioria desses países sempre teve a psique da inadimplência. Mas os banqueiros que se poderiam ter lembrado disso já morreram ou se aposentaram todos".

Isso pode explicar por que muitos banqueiros não conseguem imaginar a perspectiva de uma inadimplência hoje. "Simplesmente não acreditamos que isso acontecerá", afirma Dimitri Balatsos, economista internacional do Manufacturers Hanover. "Um país tomador de empréstimo simplesmente correria risco demais se se recusar abertamente a saldar suas dívidas. Ficaria sem comércio e financiamento por uma geração." Philip Wellons, professor de Administração de Empresas de Harvard e conselheiro de bancos, observa que a perspectiva de uma grande inadimplência é "como a guerra nuclear: ninguém quer falar sobre o que aconteceria se a bomba fosse detonada".